



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PORTARIA/MEC N°. 2560 DE 15/09/03

FRANCISCA MYLENA DA LUZ

**DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: Análise na EMEF Carmem Valente da
Silva- Jacareacanga- Pará**

ITAITUBA-PARÁ
2020

FRANCISCA MYLENA DA LUZ

**DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: Análise na EMEF Carmem Valente da
Silva- Jacareacanga- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba. Orientadora:
Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/ PA
2020

Acadêmica: FRANCISCA MYLENA DA LUZ

**DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: Análise na EMEF Carmem Valente da
Silva- Jacareacanga- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba. Orientadora:

Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a Lúcia Maria da Costa Cruz, Esp.

Avaliador 1: _____ Nota: _____
Prof. Francisco Cláudio da Silva Sousa

Avaliador 2: _____ Nota: _____
Prof. Dhemesbraene Soares da Silva

Resultado: _____ Média: _____

Data: 15 de Janeiro de 2020

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso à minha família cuja força e amor é inspiração de Deus a nos guiar todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar perseverança durante toda a minha vida;

Aos meus pais Jetson Ney Feleou Gomes e Maria Sonia da Luz pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações;

A minha avó materna Raimunda da Conceição Luz Sousa e a minha filha Maria Alice por sempre me motivar e não deixar desistir;

Ao Prof.Dr. Francisco Claudio de Souza Silva, professor e coordenador do curso, pela sua dedicação e zelo, demonstrando que a pedagogia faz a diferença na vida do ser humano.

A minha irmã AntarisLorraine Cruz Gomes pela atenção dedicada quando sempre precisei. Ao meu esposo Sandro Matiazzi Silva que acima de tudo é um grande amigo, sempre presente nos momentos difíceis com uma palavra de incentivo;

Grato pela confiança depositada pela minha orientadora Lucia Maria da costa Cruz por me colocar na direção correta e pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo;

Também agradeço a todos os meus colegas de curso, pela oportunidade do convívio e pela cooperação mútua durante estes anos, em especial a Caroline Samai e Geicinalva Marinho Machado que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo;

Agradeço todos que contribuíram direta e indiretamente para a conclusão deste trabalho e por fim quero agradecer Faculdade De Itaituba-Fai e o seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino.

"A leitura traz ao homem plenitude, o discurso
segurança e a escrita exatidão." (Francis Bacon)

RESUMO

O presente trabalho de Conclusão de curso objetivou analisar os desafios da leitura e escrita na EMEF Carmem Valente da Silva em Jacareacanga- Pará, no período de novembro de 2019. Foi necessária uma pesquisa bibliográfica com teóricos específicos da temática, como Brasil (1997); Cagliari (1993); Ferreira (1987); Freire (1982); Vygotsky (1994); e uma de campo, com abordagem qualitativa, favorável à análise exploratória e discursões. As questões norteadoras foram: Quais são os desafios do professor em relação à escrita e leitura de alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental? A escola proporciona materiais didáticos pedagógicos para o ensino da leitura e escrita? Quais metodologias são utilizadas pelos docentes para as aulas de leitura e escrita? Para chegar-se aos resultados, ocorreu uma análise dos dados após a coleta, seguidos das discursões e comentários, as propostas de interveniências e a conclusão de todo o trabalho, onde constatou-se que os desafios da leitura e escrita na escola, é um problema sério e que deve ser trabalhado de forma diferenciada para se chegar à aprendizagem.

Palavras- chave: Desafios. Leitura e escrita. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present course conclusion paper aimed to analyze the challenges of reading and writing at EMEF Carmem Valente da Silva in Jacareacanga- Pará, in the period of November 2019. It was necessary a bibliographical research with specific theoreticians, such as Brasil (1997); Cagliari (1993); Blacksmith (1987); Freire (1982); Vygotsky (1994), and one of the field, with a qualitative approach, favorable to exploratory analysis and discourse. The guiding questions were: What are the teacher's challenges regarding writing and reading of students in the early grades of elementary school? Does the school provide teaching materials for teaching reading and writing? What methodologies are used by teachers for reading and writing classes? To reach the results, there was an analysis of the data after the collection, followed by the speeches and comments, the proposals of interventions and the conclusion of all the work, where it was found that the challenges of reading and writing at school is a This is a serious problem that must be dealt with differently to achieve learning.

Keywords: Challenges. Reading and writing. Learning.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Quais são os desafios do professor em relação à escrita e leitura de alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental ?	44
QUADRO 02	A escola proporciona materiais e ou recursos didáticos pedagógicos para o ensino da leitura e escrita? Comente.....	46
QUADRO 03	Quais metodologias são utilizadas pelos docentes para as aulas de leitura e escrita?	47
QUADRO 04	Você já utilizou estratégias diferenciadas para a aprendizagem dos alunos? Justifique sua resposta	48
QUADRO 05	Do seu ponto de vista, o que precisa mudar nas práticas pedagógicas dos professores para a aprendizagem do aluno?	49
QUADRO 06	Os pais contribuem com a educação de seus filhos? Fale sobre.....	51
QUADRO 07	Como a escola procede para inserir os pais no ambiente escolar?	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 ABORDAGEM SOBRE A LEITURA E ESCRITA	14
1.1 AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL	14
1.2 CONTEXTO DA LEITURA E ESCRITA	17
1.3 LER E ESCREVER: OUTRA FORMA DE VER O MUNDO	20
1.4 O QUE É PRECISO PARA DESENVOLVER A LEITURA E ESCRITA	23
2 CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA	29
2.1 ESCOLA COMO AMBIENTE PARA O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA.....	29
2.2 FAMÍLIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO DO ALUNO.....	32
2.3 METODOLOGIAS PARA A LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA	35
2.4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	38
3 DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE NA EMEF CARMEM VALENTE DA SILVA- JACAREACANGA- PARÁ.....	42
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	42
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	44
3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES	44
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES.....	53
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Desafios da Leitura e Escrita nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental”, foi desenvolvido por meio de análise na EMEF Carmem Valente da Silva- Jacareacanga- Pará. Foi necessária uma pesquisa bibliográfica, para embasamento teórico com autores que abordam a temática, tais como (BRASIL, 1997); (CAGLIARI, 1993); (FERREIRO, 1987); (FREIRE, 1982); (VYGOTSKY, 1994). Também foi realizada uma um estudo de campo, com abordagem qualitativa, no período de novembro de 2019, visando analisar os desafios da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental.

Para direcionamento das atividades, foram elaboras algumas questões: que consistem em: Quais são os desafios do professor em relação à escrita e leitura de alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental? A escola proporciona materiais didáticos pedagógicos para o ensino da leitura e escrita? Quais metodologias são utilizadas pelos docentes para as aulas de leitura e escrita? Os objetivos alcançados definiram analisar os desafios dos professores em relação à escrita e leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental; verificar recursos pedagógicos utilizados para as aulas de escrita e leitura; compreender dificuldades dos decentes para trabalhar a leitura e escrita no ambiente escolar e identificar metodologias adequadas na prática pedagógica dos professores para o ensino da leitura e escrita, como estratégias adequadas para favorecer o trabalho do professor e o aluno chegar ao ensino aprendizagem.

Para se chegar aos resultados almejados, contou como sujeitos para investigação, professores da referida escola. Os dados foram coletados por meio de questionários para entrevistas individuais, com coletas e análises de dados, discursões e comentários sobre as respostas dos professores, com as sugestões de propostas contribuintes sobre a questão dos desafios da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental, a conclusão de todo o estudo.

O referido trabalho está estruturado em três capítulos, em que o primeiro faz uma abordagem contextual sobre a leitura e escrita, define o ato de ler e escrever como outra forma de ver o mundo e o que precisa- se para realizar e escrita e a leitura.

O segundo capítulo ressalta as contribuições para o desenvolvimento da leitura e escrita; a forma de ver a escola como ambiente para o ensino da leitura e escrita; a família e suas contribuições para o aprendizado do aluno, as metodologias para a leitura e escrita na escola e a alfabetização e letramento.

O terceiro capítulo, apresenta o resultado de toda a investigação dos desafios da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental na escola acima citada, como também a sua caracterização, os procedimentos metodológicos, perfis dos entrevistados, o resultado de todo o estudo com os docentes, as propostas de contribuição para facilitar o trabalho dos professores e a conclusão.

Portanto, constatou-se que os desafios da leitura e escrita é uma realidade na escola e que precisa ser trabalhados com um olhar diferenciado; pois na escola, essas dificuldades promovem desconfortos e preocupação aos docentes, que precisam de uma intervenção para amenizar a problemática. Sobretudo, a dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita pode ser superada ao longo do processo educacional com a ajuda de um professor bem qualificado e interessado em trabalhar com a criança com dificuldade. É importante perceber que os indivíduos também possuem outras habilidades e facilidades para aprender, permitindo a compensação e a superação das dificuldades iniciais, podendo chegar ao aprendizado com metodologias diferenciadas.

1. ABORDAGEM SOBRE A LEITURA E ESCRITA

1.1. AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Uma das mais importantes identidades do ser humano é sua capacidade de desenvolvimento da leitura e da escrita. A busca dessas habilidades é um dos principais desafios da escola, uma vez que, embora sejam bastante importantes, é perceptível que a deficiência nessas modalidades da linguagem é gritante, pois há uma grande decadência no ensino quando o assunto é formação de bons leitores e excelentes produtores de texto.

Nesse contexto, compreende-se a necessidade de uma educação fundamental que se coloque como responsável imprescindível do desenvolvimento da leitura e escrita das crianças, sobretudo no 5º ano do ensino fundamental menor e deve está preparado para cursar o fundamental maior e, conseqüentemente, para uma educação básica de qualidade.

Conforme Mello (2005), para que se possa ter um bom rendimento escolar é necessário que se tenha uma alfabetização desde o início dos estudos de uma criança, considerando a ideia de que a alfabetização pressupõe o aprendizado do código e a utilização social, portanto, não é somente um processo de aquisição de habilidade de forma mecânica, mas alfabetizar é compreender, criticar, interpretar e produzir conhecimento sobre a leitura e a escrita.

Esse processo de ensino voltado para uma vida objetivando a formação social, é um dos principais objetivos da Base Nacional Comum Curricular, a nova matriz referencial curricular do Ministério da Educação (MEC), uma vez que, segundo os pressupostos desses referenciais um indivíduo com uma educação baseada na realidade social, possibilita a construção de novos conhecimentos e acesso aos bens materiais e culturais que a sociedade nos proporciona no nosso cotidiano.

A função da escola é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão totalmente letrado, isto, é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para a sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às varias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. (MELLO,2005, p.7)

Nessa perspectiva, ao se considerar o sujeito social, entende-se a atividade da leitura como algo que completa a atividade da escrita, por isso é uma

interação entre modalidades, o leitor como um dos sujeitos da interação atua participativa mente buscando compreender os conteúdos.

Desse modo, à medida que os professores em sala, promovem mas situações de leitura, conseqüentemente, estarão melhorando o processo de escrita dos alunos. No entanto, para que esse objetivo seja alcançado com êxito, faz se necessários momentos destinados somente a leitura, buscando-se métodos para que o aluno possa sentir interesse em ler, pois atividade da leitura favorece a ampliação das informações, que o leitor já possui.

Nesse processo de leitura que se complementam, Furtado (2007), considera que para se escrever bem é preciso ter o que dizer conhecer o assunto sobre o qual vai discorrer e tudo isso é aprimorado com o simples ato de ler. Logo, leitura e escrita são processos que se entrecruzam e se complementam e não podem ser ensinados de maneira dissociada.

Furtado (2007), apresenta a leitura como fundamental importância na vida de um sujeito, proporcionando a ele um ponto de vista positiva para assim pode conviver numa sociedade bem melhor, de modo que, o leitor que tem domínio na leitura, também passa a ter domínio na escrita, tendo assim uma interação entre leitura e escrita, proporcionando a si mesmo um convívio saudável na sociedade independente das culturas serem diferentes.

Para o autor supracitado, é por meio da leitura que o sujeito aprende o vocabulário específico de certos gêneros e ainda por ela que aprendemos os padrões gramaticais peculiares da escrita, também aprendemos as formas de organização sequencial, ou seja, como começam e terminam certos tipos de textos. É uma atividade essencial e primordial na vida de cada sujeito; sobretudo, na era em que a tecnologia vem cada vez mais avançando no mundo global.

Dito de outro modo, se por um lado, é relevante evidenciar que a criança interaja sobre esse objeto de conhecimento, elaborando hipóteses, estabelecendo relações; por outro lado, é necessário ressaltar que não basta proporcionar à criança contato com o material escrito, para que ela desenvolva naturalmente um processo de conhecimento da língua escrita. Conviver e vivenciar com leitores próximos a uma criança ajuda no aprendizado esse processo, que mesmo lento, obtém-se resultados.

Os professores cada vez mais buscam adquirir conhecimentos, fazem cursos, se atualizam para assim poder transmitir métodos adquiridos para facilitar o aprendizado daqueles alunos, que sentem dificuldades em aprender ler e escrever.

Quando a aprendizagem não se desenvolve conforme o esperado para a criança, para os pais e para a escola ocorre a "dificuldade de aprendizagem". E antes que a "bola de neve" se desenvolva é necessário a identificação do problema, esforço, compreensão, colaboração e flexibilização de todas as partes envolvidas no processo: criança, pais, professores e orientadores. O que vemos são crianças desmotivadas, pais frustrados pressionando a criança e a escola. (FURTADO, 2007, p. 03)

Até os dias atuais a prática pedagógica do aprendizado da leitura e escrita por meio de cartilhas perdurou o longo período de ensino tradicional, inclusive, até os dias de hoje, muitos professores ainda usam essa metodologia de ensino que ajuda muito no aprendizado dos alunos, sendo este método centrado no domínio do código, revelaram-se suficientes dadas as condições históricas próprias do aprendizado da leitura, tais como o uso da escrita, as cartas, os bilhetes, etc.,

No entanto, esse referido método torna-se obsoleto como forma de aprendizagem no mundo globalizado e com necessidades de interlocução diferente da realidade de um ensino tradicional. Ou seja, "esse ensino não é válido como recursos de comunicações entre interlocutores na sociedade hodierna em razão da ausência de outros meios técnicos a serem utilizados na sala de aula". (Alves, 2007, p. 18).

Esse postulado baseia-se no processo de aprendizagem e se observa na maneira como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Trata-se de um processo complexo que, dificilmente, pode ser explicado apenas através de recortes do todo. (ALVES, 2007)

Assim, a aprendizagem pode ser definida como uma modificação do comportamento do indivíduo no decorrer de seu aprendizado, fazendo com que o mesmo passe a evoluir na sua vida fazendo que os sujeitos passem a conquistar seus objetivos e suas conquistas, tudo o que se passa na vida de um indivíduo é um aprendizado diferente fazendo assim, que o sujeito adquira novos conhecimentos contínuos diariamente. Conforme Alves (2007),

A aprendizagem começa através de um processo contínuo tendo o princípio começando através da convivência familiar, pelas culturas, tradições e vai aperfeiçoando-se no ambiente escolar que vem complementar o aprendizado do aluno, passando assim fazer parte da vida social do indivíduo que buscar adquirir uma aprendizagem. (ALVES, 2007, p.37)

Assim, existem diversas situações que favorecem o aprendizado da leitura e escrita que é desenvolvido processualmente; mas, existem muitos problemas que podem causar dificuldades na aprendizagem de um sujeito, esses empecilhos devem ser combatidos veementemente por todos os educadores que acreditam em uma educação diferenciada, especialmente nas séries iniciais, no contexto de uma formação inicial da criança.

Assim, para que a leitura e escrita sejam desenvolvidas, é preciso, antes de tudo, que perceba dificuldades que dificultam esse aprendizado, tais como: um ambiente familiar que não estimule a criança a estudar, causando desinteresse na criança, um ambiente familiar com pouca influência sociolinguística, pode interferir no desenvolvimento das aptidões e habilidades desempenhadas pela criança, além falta de acompanhamento dos pais nas atividades dos filhos, uma vez que se torna imprescindível para a aprendizagem um ambiente doméstico tranquilo e saudável.

1.2 CONTEXTO DA LEITURA E ESCRITA

Conforme os pressupostos de Barbosa (1990) a leitura deu-se início há muitos anos no mundo desde a antiguidade. O homem das cavernas conseguia deixar suas mensagens por meio de desenhos rabiscados com pedras, galhos ou qualquer outro instrumento ou artefato pontiagudo que conseguisse criar para servir-lhe. Tais mensagens eram deixadas nas paredes das cavernas, em pedras externas ou mesmo em cascas de árvores.

Dessa maneira, se fossem deixados rabiscos, outro “alguém” o leria e entenderia a mensagem. Esse alguém já era um “leitor”, mesmo sendo apenas de imagens significantes. Em meados do século VI antes de Cristo até o império babilônico, as necessidades comerciais já traziam o desafio de “controle” das vendas e dos ganhos.

A partir desse novo contexto histórico, começaram a arranjar novas formas de registro, como utilizar uma corda e dar um nó a cada venda realizada. Os sumérios começaram a criar símbolos gráficos para cada som gerado, e

consequentemente, a fonografia, os pictogramas, os hieróglifos, a escrita silábica ou logossilábica e a escrita alfabética facilitando a leitura. Assim, o processo de leitura começa a revolucionar a humanidade.

Na Antiguidade, as informações encontradas no livro poderiam ser uma ameaça, pois continham ideologias de forma a influenciar seus leitores. Com isso, muitos livros no período da Segunda Guerra Mundial, entre outros acontecimentos, foram queimados, rasgados, para que a literatura não chegasse à população vigente. (BARBOSA, 1990, p. 39)

Dessa maneira, verifica-se que a história da Leitura se inicia com muita discriminação, uma vez que só aos senhores portugueses era assegurado esse direito e aos outros era negado, em nome da “superioridade da raça” como descobridores e benfeitores, permanecendo assim por longo período e deixando resquícios até a atualidade, pois é muito comum a ideia de que hábitos de leitura é prerrogativa de poucos privilegiados.

Até meados do século XIX, praticamente, não existiam livros. O que servia como manuais de leitura nas escolas da época eram textos autobiografados, relatos de viajantes, textos escritos manualmente como cartas, documentos de cartório, e a primeira constituição do império de 1.827, especifica sobre a instrução pública, código criminal e a bíblia serviam com o manual que servia de documentos para a atualidade. (BARBOSA, 1990).

Por sua vez, a escrita inicia-se na Suméria por volta de 3.100 a. c. A Suméria existia onde hoje se localiza o Irã e o Iraque, numa região chamada Mesopotâmia, que significa entre rios; rios Tigres e Eufrates. Nesta região, a floresta era escassa e havia muita água.

Os mais antigos textos da humanidade foram escritos nos *volumens*, forma mais antiga de conversação do pensamento. No *volumen*, um rolo de papiro, o texto era escrito em precárias colunas, sem espaço em branco entre as palavras. Logo após, o *códice*, ou pergaminho, substituiu o papiro, possibilitando uma impressão mais prática, com formato de livro, usando as duas partes da folha. A concentração desses manuscritos pertencia à igreja, tornando-os instrumentos sagrados. A leitura era para aqueles que tinham a intenção de servir à igreja e a Deus. Só para estes fazia sentido o ato de ler. Segundo (BARBOSA, 1990, p. 98)

Os recursos naturais dessa região foram muito bem aproveitados, eles faziam tabletes de barro parecidos com uma almofada para escrever. Com o passar do tempo, foram aperfeiçoadas as técnicas e surgiram outras fontes que também foram muito exploradas como a madeira, o metal, as pedras dos

monumentos, as peles de animais que foram usadas até a descoberta do papiro, que graças ao desenvolvimento da tecnologia, hoje temos um papel muito sofisticado.

Barbosa (1990) ressalta que a concepção de escrita espalhou-se pelo planeta, aparecendo, por isso, variações do sistema da escrita. Para melhor representar a escrita cada nação criava os seus próprios símbolos gráficos e os seus próprios usos para representarem suas línguas, dessa maneira, surgem sistemas variados de escrita.

Nesse contexto, os sistemas de escrita começaram com caracteres na forma de desenhos de objetos que representavam as palavras, mas, esse sistema logo se esgotou diante da necessidade das pessoas se expressarem como na hora de escrever o nome de alguém, não bastava mais desenhar um homem ou uma mulher; caso alguém se chamasse Coelho, bastava acrescentar ao desenho do homem um coelho, mas se alguém se chamasse João, que desenho poderia ser feito?

Kramer (2010) afirma que, diante das necessidades de representação gráfica humana, os sistemas de escrita começaram a representar os sons das palavras e não mais as ideias. A princípio parecia fácil, porque para escrever irmão, traçava-se o desenho de duas pernas que significavam ir e o desenho de uma mão que completava a mensagem, mas, apareceram situações diferentes que necessitavam de esclarecimento.

Hoje a escrita esta atualizada de forma, mas pratica e fácil de ser ensinada aos sujeitos que passam por esse aprendizado de aprender a escrever sendo uma fonte que hoje nos dias atuais é indispensável para a sociedade. Como ressalta Kramer (2010),

Assim, em primeiro lugar, analiso algumas dificuldades frequentemente encontradas na escola, no que se refere aos profissionais da educação e ao desempenho de seus papéis. Aponto em seguida, certas características e problemas comuns às estratégias de formação dos professores em serviço (treinamento, reciclagens, cursos, encontros etc.). (KRAMER, 2010, p.71)

Essa situação é preocupante e necessita de estudos a fim de descobrir onde está o erro, pois diante das propostas pedagógicas que visa à melhoria dos alunos na escola para um bom desempenho no aprendizado, o porquê dessas dificuldades na leitura e na escrita, pois a maioria das crianças inicia sua jornada

escolar bem pequena, sendo acompanhados por professores pedagógicos e, no entanto, não conseguem desenvolver seu aprendizado.

Nessa perspectiva, necessário seria que os professores das séries iniciais revejam suas estratégias para que o ensino de leitura e escrita eficiente e eficaz não seja privilégios de poucos, como acontecia em um passado não muito distante. Assim, é preciso buscar novas metodologias nas quais se possam inserir todos os alunos, nas atividades de sala de aula, fazendo com que aqueles que têm dificuldades possam sentir interesse em ler e escrever.

1.3 LER E ESCREVER: OUTRA FORMA DE VER O MUNDO

É indiscutível o fato de que a aquisição de leitura e escrita é um dos momentos mais importantes para o processo de socialização das crianças e de constituição desta como um ser social, digno de cidadania. Darton (2012) lembra que através da leitura que a criança passa a despertar novos sentimentos e suas capacidades e passa a ter uma visão do mundo que começa a se definir.

A criança quando começa a ler e escrever consegue apreender tudo o que está ao seu redor, tudo o que é escrito nos lugares. Onde ela passa, quer ler passando, assim, desenvolver seu intelectual começando a sua formação de princípios para medir e codificar os próprios sentimentos e ações passando a adquirir interesse pelas coisas em estão ao seu redor no seu cotidiano. Assim:

{...} a leitura não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado que deve variar de cultura para cultura é um conjunto de sociais variáveis, onde todos devem ter acesso, independente da cultura de cada indivíduo. (DARTON, 1992, p. 218)

Lajollo (2005, p. 24) também contribui com discussão afirmando que não é possível encontrar a 'formula Mágica' para desenvolver e criar o gosto pela leitura, mas os educadores devem proporcionar aos alunos esta experiência como "uma janela que se abre para despertar o gosto pela leitura e apresentá-la como uma construção de novos conhecimentos". Isso possibilita a aquisição da linguagem de modo prazeroso, espontâneo e com interações positivas no convívio social. Premissa geral da BNCC, quanto ao desenvolvimento da leitura.

Através da leitura e escrita o ser humano se constrói como sujeito ativo e crítico, no ambiente onde está inserido estabelecendo condições para refletir sobre vários aspectos e formular opiniões sobre vários assuntos buscar conhecimentos

que passa a adquirir. Tal entendimento propôs a ideia de que a formação de jovens leitores e escritores competentes se constitui por meio do contato com diversos textos, relacionando os dados textuais, com a prática da escrita, sendo um meio onde o sujeito, passa a desenvolver suas habilidades, e dando continuidade a esse processo ensino e aprendizagem. Conforme Zilberman (1999):

Crianças que desde os primeiros anos de vida se habituam a manusear livros infantis e ouvem histórias contadas pelos pais, avós ou babás e mais tarde leem aventuras cujos protagonistas são crianças de sua mesma faixa etária, provavelmente desenvolverão com mais rapidez o ofício da leitura. Essas crianças, na fase adulta, com certeza sentirão um imenso prazer na leitura. São capazes de ler e escrever mais facilmente desenvolve a imaginação e amadurecem a sensibilidade mais rapidamente que outras crianças em situações adversas. (ZILBERMAN, 1999, p. 88)

Conforme Foucambert (2004) desde o primeiro dia, o desenvolvimento cognitivo da criança se opera pela inferência do sentido de determinados elementos de uma situação fortemente envolvente. Na opinião desse autor, a partir das situações nas quais interage, a criança cria um sistema provisório que lhe permite antecipar índices pertinentes para a classificação, a denominação, a ação, entre outros.

Assim, em sala de aula, a primeira motivação para ler é simplesmente a alegria de praticar habilidades recém-adquiridas, o prazer da atividade intelectual recém-descoberta e do domínio de uma habilidade mecânica. Se o professor responder a essa motivação com material de leitura fácil, emocionante, apropriado ao grupo de idade específico, e desenvolver esse primeiro material com livros de dificuldade crescente, essas crianças se tornarão excelentes leitoras. Para ser um excelente leitor, é necessário gostar de ler.

Desse modo, no processo de aquisição da leitura e escrita a criança, das séries iniciais do ensino fundamental, podem perfeitamente se deparar com uma realidade prazerosa ao encontrar coisas e pessoas familiares (histórias ambientais) ou coisas novas e não-familiares (livros de aventuras), desejo de fugir da realidade e viver num mundo de fantasia (contos de fadas, histórias fantásticas, livros utópicos), necessidade de autoafirmação, busca de ideais (biografias), conselhos (não ficção), entretenimento (livros de esportes, etc). (KLEIMAN, 2005).

No entanto, muitas das práticas do professor no período após a alfabetização sedimentam as imagens negativas sobre o livro e a leitura do aluno,

que logo passa a ser mais um não-leitor em formação. É afirmado por essa autora que as práticas desmotivadoras, pelas consequências nefastas que trazem, provêm, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem. Esse tipo de prática citada por Kleiman (2005, p. 54),

trata-se de prática alicerçada por um entendimento restrito e incoerente do que seja ensinar português, entendimento este tradicionalmente legitimado tanto dentro como fora da escola. É dessa legitimidade que se deriva um dos aspectos mais nefastos das práticas limitadoras: elas são perpetuadas não só dentro da escola, o que seria de se esperar, mas, também, funcionam como o mecanismo mais poderoso para a exclusão fora da escola.

Sobre a questão da prática alfabetizadora é papel do professor elaborar atividades de alfabetização e é dever dos alunos com a orientação do professor realizar as atividades que lhe foi proposta. Assim, para que o processo de aquisição da leitura e escrita seja feita de forma plausível, é necessário promover nas crianças a aprendizagem do sistema da língua escrita de forma apropriada, considerando o processo de interação, permitindo à criança um olhar sobre leitura e escrita mais associado à prática social.

Essa prática social tem a ver com aspectos da linguagem que favorecem o entendimento das múltiplas funções da leitura e escrita na sociedade. Assim, estratégias de leitura dependem do contexto e das situações envolvidas, Kleiman (2005) alega que há diversas formas de ler e interpretar textos ou uma anotação qualquer isso vai depender do contexto em que a leitura está inserida. Ao fazer uma anotação o leitor destaca apenas o que ele considera importante, a autora nos mostra o exemplo de um casal formado por uma dentista que lê jornal para se informar e um professor de língua portuguesa que lê jornal para fins didáticos.

Assim como a leitura, a escrita também tem funções distintas que também depende da situação. No ensino da escrita os métodos utilizados devem ser adequados. Desse modo, crianças provenientes de camadas populares por não terem acesso a um ambiente letrado, apresentam desvantagens em relação ao aprendizado da leitura e escrita. Do contrário, as crianças que vivem em um ambiente rico de estímulos relacionados à alfabetização e ao letramento, têm mais facilidade de aprender a ler e escrever.

Além de saber expressar-se por meio da escrita é necessário dar oportunidade para o aluno expressar-se oralmente. Falar e pensar são práticas centrais para aprendizagem do letramento, como ler e escrever. Contrariando o desenvolvimento natural, a criança precisa do suporte e mediação do adulto, que é coparticipante do processo do letramento. (MENDONÇA, 2009, p. 26).

Em relação à escrita nas séries iniciais Mendonça (2009) afirma que a esta deve iniciar-se junto com o processo de alfabetização e tudo que a criança produzir nesse período deve ser elogiado, fazendo com que ela sinta-se valorizada e tenha vontade de escrever sempre mais. O olhar para o mundo da escrita deve estar voltado mais para a evidenciação das qualidades, do que meramente para detectar erros gramaticais, como infelizmente acontece numa prática escolar voltada especificamente para princípios tradicionais e ultrapassados.

Assim, a leitura e a produção de diferentes textos são tarefas imprescindíveis para a formação de pessoas letradas. No entanto, é importante que, na escola, os contextos de leitura e produção levem em consideração os usos e funções do gênero em questão. É preciso ler e produzir textos diferentes para atender a finalidades diferenciadas, a fim de que superemos o ler e a escrever para apenas aprender a ler e a escrever. (MENDONÇA, 2009).

Sem essa compreensão, a leitura deixa de ter interesse e de ser uma atividade motivadora, pois nada tem a dizer ao “leitor”. Na verdade, só se pode considerar realmente que uma criança lê quando existe a compreensão. “Quando a criança decodifica e não compreende, não se pode afirmar que ela está lendo.” (MENDONÇA, 2009, P. 27). A criança tem que entender o que lê para ter uma compreensão daquela palavra que leu. Em relação à escrita ocorre o oposto, a criança tem que relacionar o som, o significado e a palavra impressa. Pode-se dizer que a diferença principal entre a leitura e escrita é que na leitura parte da informação visual, ou seja, da decodificação das letras que compõem as palavras, na escrita, reflete a palavra falada.

1.4 O QUE É PRECISO PARA DESENVOLVER A LEITURA E ESCRITA

A leitura e escrita fazem parte do desenvolvimento e crescimento do conhecimento populacional, brasileiro visando assim o progresso educacional no Brasil, sendo dois pontos de suma importância na educação brasileira. Desde muito tempo a leitura foi classificada, apenas, como um canal de propagação de

um comunicado importante. Hoje, ler significa um processo mental de vários níveis, o que contribui e muito para o desenvolvimento intelectual, profissional e social do ser humano.

Para Liberato (2007), a imprescindibilidade da leitura deve ser reconhecida socialmente, pois a vida individual, social e cultural de um sujeito, se dá devido à aquisição do hábito de leitura desde a infância até a fase final do seu desenvolvimento, pois desenvolve as potencialidades intelectuais de cada um, o de aprender, desenvolver e progredir. O ato de Ler não nasce com o indivíduo, assim como as outras funções vitais.

“É possível que o leitor não consiga ler um texto que, embora escrito numa língua que ele domina, trate de um assunto sobre o qual ele não tem informações”. No entanto notou-se que quando o leitor não consegue captar o sentido do texto lido, tudo dificulta. (LIBERATO, 2007, p. 14).

Este ato de ler e escrever precisa ser ensinado e aprendido, e neste processo o professor é o mediador do aluno dando todo o suporte ao sujeito orientando-o, ensinando-o, mostrando ao aluno, meios onde ele possa aprender a ler. O hábito da leitura e escrita é importante na vida intelectual, profissional e social das pessoas, pois são instrumentos essenciais para um ensino-aprendizado satisfatório e significativo, pois é por meio dele que se abrem novos horizontes e torna-se possível entender e aprofundar conhecimentos sobre o mundo, até mesmo atuar nele como cidadão de direito.

Uma maneira de despertar o interesse das crianças pela leitura é o professor se tornando um exemplo de leitor, demonstrando paixão pela profissão e fazendo jus a sua missão de educar e ensinar. Portanto, “Ninguém nasce sabendo ler, aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida [...]” (LAJOLLO, 2005, p.07).

Nesse sentido, o desafio colocado à formação em serviço de professores alfabetizadores está em considerar, simultaneamente, as contribuições dos estudos teóricos adquiridos dos docentes através das buscas de conhecimentos em que eles fazem cotidianamente para, assim, poderem repassar aos seus alunos, um ensino e aprendizagem de qualidade sobre a aquisição da leitura e escrita.

Atendidas condições de aquisição de conhecimento teórico para uma aplicabilidade estratégica em vários campos que investigam a alfabetização, simultaneamente à implementação de estratégias alternativas, e as influências recíprocas de uma sobre a outra podem gerar o efetivo acesso à leitura/escrita das crianças das classes populares. (KRAMER, 2010, p.69).

Assim, é possível perceber que o docente deve ter uma formação pedagógica para poder executar suas atividades na sala, é de suma importância a qualificação do corpo docente de uma instituição para poderem obter resultados positivos no final do ano letivo. Na sala de aula, os textos são fragmentos descontextualizados, geralmente retirados do livro didático, que rege a aula. Os textos são utilizados como argumento para a prática de atividades repetitivas, como metalinguagens, vocabulário, interpretação e proposta de redação.

Conforme relata Kramer (2010) a família também contribui bastante no aprendizado da criança, quando desde bem pequenos os familiares participam diretamente da vida cotidiana, da criança, educando-o ensinando-o de forma prazerosa aquela criança que com o aprendizado que tem em casa, passa a desenvolver melhor seus conhecimentos, podendo assim chegar a escola e não ter muitas dificuldades na leitura e na escrita, passando a ter mais facilidades em aprender a ler e a escrever, é muito importante que uma criança tenha uma atenção especial em casa os pais devem contribuir no aprendizado do filho para assim, eles poderem desenvolver o que aprenderam com a família. Desta forma,

A aprendizagem da escrita é precisa ser bem trabalhada, já que envolve o domínio de distintas habilidades, tanto no desenvolvimento motor, quanto nas habilidades ortográficas, e trata-se de um processo relacionado com o estilo de aprendizagem, por meio dos níveis estruturais. (KRAMER, 2005. p. 149)

O processo da aprendizagem da escrita é de suma importância na vida da criança e, deve ser bem trabalhada de maneira que o sujeito passe a ter domínio na sua escrita. Assim, o professor é o mediador principal nesse processo podendo passar atividades ortográficas, pequenos textos, pinturas e outras metodologias que possa trabalhar a coordenação motora da criança; ou seja, deve se ter estímulo pela parte do processo de aprendizagem que tem como objeto ensinar e educar aos alunos.

Para se obter um ensino de qualidade é necessário que haja uma boa comunicação entre família e escola podendo, assim obter resultados na

aprendizagem do aluno. No início do processo de aquisição de leitura e escrita é o professor que faz a leitura para seus alunos, à medida que eles compreendam a leitura e possam ter domínio progressivamente até que tenham condições de realizá-las autonomamente nas atividades de leitura o docente trabalhara aspectos linguísticos e de decodificação com as crianças em sala de aula.

Pode-se proporcionar um ensino de qualidade a sua clientela, na leitura deve-se haver o processo de criação de textos estarem assentados em passos planejados e bem definidos pelo professor, tanto nas atividades de leitura através desses meios comunicativos. No início da leitura que se trabalha com as crianças é necessário desenvolver uma intensa atividade com a linguagem oral. Dela as crianças participam interagindo trazendo para a sala de aula, o seu mundo, os seus conceitos, a sua história passando a desenvolver seus conhecimentos. (SAMPAIO, 2011).

Quando se observa um ensino de aprendizagem com dificuldades é necessário que todos os envolvidos no aprendizado do aluno, possam buscar meios e metodologias diferenciadas para poderem ter um resultado com êxito, a família juntamente com a escola, deve agir o mais rápido possível nesse processo todos devem estar envolvidos buscando, assim, solucionar o problema desse aluno, que por algum motivo está com dificuldades na escrita e leitura.

Portanto, a família e escola devem estar unidas para poderem incentivar esses alunos as relações sociais influenciam muito no ensino e aprendizagem do aluno. A questão seguinte ressalta as metodologias utilizadas nas aulas de leitura e escrita.

O processo da língua escrita significa mais do que apreender um instrumento de comunicação, é, sobretudo a possibilidade de construir estruturas de pensamento capazes de realizar abstrações necessárias à apreensão da realidade concreta no cotidiano escolar, o aprendizado de uma criança, desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com outros sujeitos em seu ambiente e quando em coletividade e cooperação com seus companheiros que estão inseridos no ambiente em que aquela criança está inserida. (SAMPAIO, 2011, p. 53)

Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. O aprendizado adequadamente, organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimentos vários processos de evolução que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer.

Entretanto, não é apenas o bom desenvolvimento cognitivo que implica uma boa aprendizagem.

Considera-se que “Fatores de ordem afetiva e social também influem de forma positiva ou negativa nesta aprendizagem. Daí a Epistemologia Convergente ter integrado os aportes da Escola de Genebra com os aportes da Psicanalítica e da Psicologia Social”. (SAMPAIO, 2011, p.270).

Nessa perspectiva, em decorrência da concepção de conhecimento, de linguagem e de aprendizagem explicitadas, ressalta-se que o objetivo do processo de aquisição da linguagem é a própria língua portuguesa, em razão que se toma como elemento norteador do ensino/aprendizagem o texto oral e escrito, enquanto unidade de sentido da língua facilitando o aprendizado do sujeito. Contudo, essa perspectiva do processo de aquisição da linguagem pelo sujeito exige que se explicita ainda o papel do professor, definindo-se qual a sua interferência possível e necessária no processo.

Garantir o acesso à Leitura e à escrita é direito de cidadania. A escola tem um papel importante a desempenhar na concretização desse direito, contribuindo na construção do conhecimento de crianças e adultos e ajudando-os a nunca esquecer a história, a sempre rememorar o esquecido, para que se torne possível – mas do que nunca mudar a história. (KRAMER, 2010, p. 18).

É preciso que se considere ainda que o processo da aquisição da escrita já se teve início a essas crianças muito antes de suas entradas na escola, muitas delas desde cedo estão em contato com a escrita, pela interação com pessoas que lêem e pela manipulação de material escrito e através da tecnologia avançada que vivenciam diariamente em casa com os seus familiares, facilitando seu aprendizado quando entram na escola.

Nesse contexto, ainda convém lembrar que a reflexão acerca do trabalho do professor é indispensável para que tais deficiências no processo ensino-aprendizagem sejam sanadas. O professor, nesta perspectiva, assume um papel essencial, não apenas na transmissão de informações, mas, sobretudo, na elaboração de situações que possibilitem ao sujeito buscar naquilo que já sabe elementos para desvendar o que ainda não sabe. (LAJOLLO, 2005).

Igualmente relevante, são as interações produzidas entre aprendizes e professores. O professor que reconhece suas limitações trabalha em prol do crescimento coletivo, respeita as diferenças individuais e cresce com seus erros e

incertezas é certamente capaz de mudar os rumos de nossa educação. Transmitindo novos conhecimentos a outras pessoas.

O processo de aquisição da leitura e da escrita também é uma ciência, deve ser pesquisada, tratada e trabalhada a partir de reflexões acerca da consciência de que a construção do saber, da atividade do conhecimento terá influência decisiva, significativa na representação do objeto.

Lajollo (2005) questiona o papel da escola e a relevância do aprendizado na educação moderna sem levar em consideração a aquisição da leitura e da escrita que constituirá a própria modernidade. O ato de ensinar, certamente, apresenta os mais diversos obstáculos, o que requer pensar e repensar a prática, num processo dialético rumo a construção da práxis (ação-reflexão-ação).

Ademais, o docente que media esse processo de ensino- aprendizagem deve constituir-se de saberes e conhecimentos específicos do ensino que ultrapassa a aplicação de atividades somente do livro didático, da apostila ou da cartilha adotada pela rede de ensino.

Ou seja, conforme Lajollo (2005), é preciso que o professor se torne um pesquisador, ultrapassando os conhecimentos obtidos na graduação ou em cursos impostos pela rede de ensino; deve conhecer e compreender os alunos enquanto sujeitos históricos pertencentes a uma determinada sociedade, com seus valores sociais e culturais, para que o processo de leitura e escrita seja realmente algo construído por ações motivadoras e edificantes.

2 CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA

2.1 A ESCOLA COMO AMBIENTE PARA O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA

Atualmente, o conceito de cultura escolar praticada nas salas de aula, em grande parte, pressupõe a ideia de algo que se é ensinado de acordo com a tradição cultural, considerando, sobretudo, a transmissão de determinados saberes, reproduzindo conhecimentos ao longo do tempo. Assim, considera-se a inserção num processo de autonomização de descrições e posicionamento sistemático de uma série de procedimentos reconhecidos e aplicáveis naquilo que se tornou por chamar, por excelência, de cultura escolar.

Nessa perspectiva de tradição escolar, o processo de leitura e escrita é feito, muitas vezes desconexas de uma realidade social, e enjaulado na ideia do certo e errado que desafia os critérios científicos e metodológicos, pois se enraízam numa tradição escolar com práticas voltadas ao preciosismo gramatical e vocabular que mais confundem as crianças do que colaboram para uma visão crítica de gêneros textuais voltados para uma vida baseada em funções sociais bem definidas e delimitadas.

Se, até fins de 1960, por entre os muros altos de concreto que circundavam edifícios sólidos e suas bibliotecas bem constituídas, crianças e jovens eram selecionados para serem abrigados por uma escola que ainda se acreditava pautada por uma tradição de valores humanistas e burgueses, nas décadas seguintes, abriram-se os portões para todos entrarem, mas traiçoeiramente essas crianças e jovens foram trancafiados no interior da escola, como delinquentes, com cadeados e grades. (GERALDI, 2007)

A escola está mantendo um espaço fechado de reclusão, onde alunos enfadados tentam aprender a ler e escrever sob a máscara de ensino/aprendizagem, jovens que, jamais como acontece nessa era tecnológica, dispuseram de tamanha facilidade de comunicação entre si, trocas identitárias, informação e conhecimento (para o bem e para o mal), o que lhes propicia empoderamento, autonomia e enfrentamento.

Quanto aos adultos, professores e gestores, reclamam da indisciplina e da impossibilidade para controlar a sala e impor limites, e quando não há alto índice de evasão escolar, essa realidade se reflete nos desastrosos resultados quando há avaliação em grande escala das escolas brasileiras.

No contexto em que as novas tecnologias e a *web* trazem recursos infindáveis nessa relação de leitura e da escrita, a escola ainda fica entre muros e o principal agente da educação é o professor, para aproveitar as potencialidades dessas ferramentas não há como evitar um processo profundo de transformação da escola, tanto na transformação do espaço físico quanto na organização do tempo e na formação de professores.

Impossível não considerar esse universo tecnológico, no qual crianças e jovens já estão mergulhadas. Ignorar significa manter a cultura escolar nesse patamar de escuridão, de desinteresse e surdez às demandas das novas gerações. Tampouco significa abandonar a tradição, o saber acumulado pela humanidade, trata-se de redirecioná-lo no âmbito de um novo horizonte de expectativa, cujas questões hoje incorporam as vozes dos estudantes, inaugurando desse modo uma nova ética. (GARCIA, 2004)

Nessa perspectiva, há uma escrita que se derrama na *web*, sem contornos e sem controle às vezes, contudo aberta a uma comunicação que encontra seus interlocutores nas múltiplas comunidades nas quais se inserem ou com que dialogam e pressionam as práticas escolares. Nesse sentido, de acordo com Rojo (2011) o multiletramento e/ou multimodalidades se configuram como outro eixo de desmoronamento da cultura escolar tradicional, também agora legitimado pela BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR) e já observado por estagiários e pesquisadores em algumas situações de ensino.

Se na sala de aula ou em espaços da escola (sem grades, a escola não deveria ser prisão) for possível estabelecer essa ponte com a cultura praticada pelos jovens, a partir de uma mediação crítica, esclarecida, livre de preconceitos, um passo visceral terá sido dado para ajudar os estudantes a potencializar suas capacidades de leitura e de escrita.

Conforme Ferreiro (2002) no ambiente escolar é fácil perceber que os alunos cada vez mais se afastam e se desinteressam pela leitura. Baseando-se nesses fatos, surgem duas grandes questões: como ocorre a prática pedagógica quanto aos atos de leitura? E como o ensino e o incentivo à leitura em sala de aula, assim como as propostas de ação alternativas podem levar as crianças a se tornarem leitoras competentes?

Talvez, a precária leitura existente no âmbito escolar seja devido à baixa remuneração - que não permite adquirir livros para a realização de leituras diversas - e ao corre-corre diário que não deixa tempo para dedicação da leitura de um livro.

Se o grupo escola não lê, dificilmente poderá mudar as situações atuais das práticas de leitura escolar; mesmo assim, o processo de transformação de não-leitura na escola deve ser revertido pelo próprio grupo. Dessa forma, seu repertório de conhecimentos aumenta, o que torna possível uma nova pedagogia de leitura.

É também inegável a participação da família, cujas situações de leitura e presença de livros estimulariam muito o gosto pela leitura iniciado em casa. Entretanto, isso está longe da realidade dos lares brasileiros em função do desnível social e do baixo poder aquisitivo da maioria, que impedem o acesso ao mundo do conhecimento, ao mundo da leitura para informação, por necessidade ou por divertimento.

Mesmo com todos os problemas citados, a escola ainda é o ponto de apoio sobre a divulgação da leitura; é lá que se espera ver as crianças trabalhando com livros e outras fontes de leitura. Muitos perguntam: de quem é a culpa? É muito fácil acusar o grupo escola, mas não podemos esquecer da realidade de pobreza em nosso país, as condições da escola, o salário dos profissionais, o contexto familiar do aluno - são fatores que afetam a vida escolar.

A escola hoje, em muitas situações, adota a leitura mecanizada, aquela que somente o indivíduo passa os olhos, diz o código e verifica se não errou alguma palavra, se a entonação estava correta e etc. É um desafio educar para transformar. Para tanto, o professor deverá ser um bom leitor, ter desenvolvido o gosto pela leitura e praticá-la constantemente de modo que possa promover em sala de aula uma prática de leitura que leve seus alunos a gostar de ler e a perceber a importância da leitura para a formação individual, assim como para a aquisição de novos conhecimentos científicos ou não. (GARCIA, 2004, p. 213)

Para atingir tais metas, o educador deve desenvolver um trabalho pedagógico bem fundamentado o que exige tempo, dedicação e compromisso com a profissão. Portanto, pode e deve "fugir" desse tipo de leitura escolarizada, mecanizada, utilizada em sala de aula, ainda nos dias atuais, e levar os alunos a uma compreensão sobre o significado de ler e, por conseguinte, à mudança de atitudes, revelando possibilidades e alternativas que implicam na convivência com a leitura.

Segundo Silva (2002) a leitura ocupa, sem dúvida um espaço privilegiado não só no ensino da língua portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações. Isso porque a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a participação no mundo da escrita utilizando-se primordialmente de registros verbais escritos (textos) em suas práticas de criação e recriação de conhecimento.

O que acontece na escola é que esse tipo de leitura escolarizada - que não insere o aluno no contexto, que não o leva à descoberta do mundo e suas implicações - leva-o a pensar como se não existisse nada fora dos muros dela. Ou seja, uma prática cotidiana que dificilmente vai mobilizar o aluno a interessar-se em ler, uma vez que quase sempre os textos são descontextualizados.

Sabe-se que o sentido de leitura não é único e nem definitivo, pois modifica-se através dos tempos, acompanhando as alterações do mundo, dependendo de como cada autor se apoia em determinada área do saber e do interesse de cada leitor. É possível assegurar que a leitura - como as demais aprendizagens - é um processo de construção pessoal a partir dos conhecimentos e das experiências de cada aluno, reforçado pelas oportunidades que lhe são oferecidas, como por exemplo, a criação de um espaço dentro da sala de aula que oportunize condições de acesso aos diferentes portadores de textos, possibilitando uma maior interação entre o aluno e os textos, atividades com leituras orais silenciosas, representações, trocas de ideias entre grupos de alunos, etc.

2.2 A FAMÍLIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO DO ALUNO.

A família é vista como a base da sociedade, porém diante das mudanças econômicas, políticas e, sobretudo sociais, vê-se a instituição familiar estruturada de forma totalmente diferente de anos atrás. O antigo padrão familiar, antes constituído de pai, mãe e filhos e outros membros, cujo comando centrava-se no patriarca e/ou matriarca, deixa de existir e em seu lugar surgem novas composições familiares.

Ou seja, famílias constituídas sob as mais variadas formas, desde as mais simples, formadas apenas por pais e filhos, outras formadas por casais oriundos de outros relacionamentos, até famílias composta por homossexuais e famílias apenas

composta por avós e netos, o que não significa que estas novas formações não possam ser consideradas famílias. Constituídas de forma diferente, mas famílias.

Embora a legislação seja clara e forneça todo o embasamento legal no que tange à inclusão familiar no contexto escolar, isso não tem sido suficiente para superar o grande atraso do sistema educacional – uma das questões cruciais de educação de sociedades contemporâneas – que perseguem um sistema que assegure a otimização de uma tarefa essencial em suas destinações históricas. (NOGUEIRA, 2002).

A educação não é uma tarefa que a escola possa realizar sozinha sem a cooperação de outras instituições e, a nosso ver, a família é a instituição que mais perto se encontra da escola. Sendo assim se levarmos em consideração que Família e Escola buscam atingir os mesmos objetivos, devem elas comungar os mesmos ideais para que possam vir a superar dificuldades e conflitos que diariamente angustiam os profissionais da escola e também os próprios alunos e suas famílias. (NOGUEIRA, 2002, p. 173)

É importante que a família esteja engajada no processo ensino/aprendizagem. Isto tende a favorecer o desempenho escolar, visto que o convívio da criança com a família é muito maior do que o convívio com a escola. Percebe-se, dessa forma, que a família possui papel decisivo na educação formal e informal, pois, além de refletir os problemas da sociedade, absorve valores éticos e humanitários e aprofunda os laços de solidariedade.

A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos. (REIS, 2007, p. 6) .

Portanto, uma boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como principal alvo, o aluno. A escola deve também exercer sua função educativa junto aos pais, discutindo, informando, orientando sobre os mais variados assuntos, para que em reciprocidade, escola e família possam proporcionar um bom desempenho escolar e social às crianças, uma vez que “se toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem, senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos”. (PIAGET, 2007, p. 50).

. Assim, é indispensável à participação da família na vida escolar dos filhos, pois crianças que percebem que seus pais e/ou responsáveis estão acompanhando de perto tudo o que está acontecendo, que estão verificando o

rendimento escolar – perguntando como foram as aulas, questionando as tarefas etc. – tendem a se sentir mais segura e, em consequência dessas atitudes por parte da família, apresentam melhor desempenho nas atividades escolares.

Sendo assim, é indispensável que a família esteja em harmonia com a instituição, uma vez que a relação harmoniosa só pode enriquecer e facilitar o desempenho educacional das crianças. ESTEVES (1999) assegura que a família renunciou às suas responsabilidades no âmbito educativo, passando a exigir que a escola ocupe o vazio que eles não podem preencher. Sendo assim, o que se vê hoje são crianças chegando à escola e desenvolvendo suas atividades escolares sem qualquer apoio familiar.

Essa erosão do apoio familiar não se expressa só na falta de tempo para ajudar as crianças nos trabalhos escolares ou para acompanhar sua trajetória escolar. Num sentido mais geral e mais profundo, produziu-se uma nova dissolução entre família, pela qual as crianças chegam à escola com um núcleo básico de desenvolvimento da personalidade caracterizado seja pela debilidade dos quadros de referência, seja por quadros de referência que diferem dos que a escola supõe e para os quais se preparou. (TEDESCO, 2002, p. 36).

Diante da colocação acima, entende-se que a família deve, portanto, se esforçar para estar mais presente em todos os momentos da vida de seus filhos, inclusive da vida escolar. No entanto, esta presença implica envolvimento, comprometimento e colaboração. O papel dos pais, portanto, é dar continuidade ao trabalho da escola, criando condições para que seus filhos tenham sucesso tanto na sala de aula como na vida

Há de se destacar, portanto, a necessidade de uma parceria entre Família e Escola, visto que, apesar de cada uma apresentar valores e objetivos próprios no que se refere à educação de uma criança, necessita uma da outra e, quanto maior for a diferença maior será a necessidade de relacionar-se.

Assim, essas diferenças e necessidades ficaram evidentes durante as entrevistas e reuniões realizadas com as famílias para a realização deste trabalho. Porém, é importante ressaltar que nem a escola e nem a família precisam modificar a forma de se organizarem, basta que estejam abertos à troca de experiências mediante uma parceria significativa. A escola não funciona isoladamente, faz-se necessário que cada um dentro da sua função, trabalhe buscando atingir uma

construção coletiva, contribuindo assim, para a melhoria do desempenho escolar das crianças.

A família, em consonância com a escola e vice-versa, são peças fundamentais para o pleno desenvolvimento da criança e conseqüentemente são pilares imprescindíveis no desempenho escolar. Entretanto, para conhecer a família é necessário que a escola abra suas portas, intensificando e garantindo sua permanência.

Porém, não existe uma fórmula mágica para se efetivar a relação família/escola, pois, cada família, cada escola vive uma realidade diferente. Igualmente, a interação família/escola se faz necessário para que ambas conheçam sua realidades e construam coletivamente uma relação de diálogo mútuo, buscando meios para que se concretize essa parceria, apesar das dificuldades e diversidades que as envolvem. O diálogo promove uma maior aproximação e pode ser o começo de uma grande mudança no relacionamento entre a Família e a Escola.

2.3 METODOLOGIAS PARA A LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA

Em uma sociedade letrada e tecnológica, o ensino da língua deve ser assegurado todos os domínios plenos das atividades verbais, o que significa garantir o domínio da leitura, o domínio da escrita, o domínio da fala em situações formais; e a compreensão da realidade social, histórica e estrutural da linguagem.

Nesse sentido, o ensino continua sendo o repasse de conteúdos gramaticais, mostrando que falar é ter fluência em situações formais, em atividades de transmissão de informações, de exposição de ideias, de troca de opiniões, de defesa de ponto-de-vista, no qual o indivíduo conseguirá de forma clara desenvolver sua oralidade em determinado ambiente que esteja inserido.

Podemos observar então que ler criticamente significa perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo, uma intensão. Cabe ressaltar que ler compreensivamente implica responder ao texto, concordando com ele, discordando dele, rindo dele, emocionando-se com ele, aplaudindo-o, rejeitando-o. Assim sendo, como lembra Fiorin (2008):

Escrever é controlar os processos estruturadores do texto; é adequar-se às exigências socioculturais que circundam a escrita; é dispor dos imensos recursos expressivos da língua. Dessa forma operando escolhas adequadas tanto à produção de um texto particular, quanto à construção de um discurso próprio; é respeitar a especificidade de textos ficcionais e não ficcionais. (FIORIN, 2008, p. 48)

Assim como na aprendizagem e na percepção se manifesta um processo dinâmico, mediante o qual uma situação não estruturada se converte numa estrutura adequada. Essa estruturação vai se processando a medida que a criança se desenvolve.

Fato semelhante ocorre com a linguagem. Quando a criança começa a utilizar os órgãos sensoriais, é capaz de registrar impressões, isto é, ouve os elementos acústicos, embora não os compreenda. Mais tarde, aparece um elemento molecular, como um conjunto do qual procederá à estruturação de outros elementos, que, resumidos, irão constituir estruturas cada vez mais complexas.

A linguagem é, nessa perspectiva, um sistema finito de princípios e regras que permitem ao falante codificar significados em sons e ao ouvinte decodificar sons em significado. Contudo, esse sistema finito possui a propriedade de ser infinitamente criativo, no sentido de possibilitar ao falante e ao ouvinte criar e entender um conjunto infinito de sentenças gramaticais novas.

Portando-se dessa premissa, considera-se que, hoje em dia, na sala de aula, os educadores esquecem a capacidade de produção do aluno, que pode, através do estímulo na realização e na participação das atividades de interação e de contextualização da realidade, desenvolver a construção do conhecimento como sujeito da sua própria aprendizagem, possibilitando a reflexão e a interpretação, embasando-se em princípios educativos e contexto social do aluno.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em "vasilhas", em recipientes a serem enchidos pelo educador. Quanto mais vai se enchendo os recipientes, com seus "depósitos", tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente encher, tanto melhores educandos serão (FREIRE, 1970, p. 58).

Partindo desses pressupostos, as crianças eram vistas como "vasilhas" que seriam cheias ao decorrer dos estudos. Diante da realidade, não é assim que deve funcionar o olhar do professor para com o aluno no ensino, pois toda criança possui experiência e um vasto contexto social possível de ser explorado na escola, basta

apenas que o professor, agindo como mediador, proporcione momentos de aprendizagem entre os envolvidos no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Fernandes (2010) acredita que o desafio do educador é o envolvimento no processo de ensino aprendizagem em que existe a necessidade de conhecimento do contexto atual da criança inerente às práticas pedagógicas diárias do professor, pois a criança que possui o primeiro contato com o momento da leitura e da escrita deve construir o conhecimento, através do contato com o objeto, juntamente a mediação do professor, que deve propor momentos de interação que permitam ao aluno uma aprendizagem da língua oral e da escrita de acordo com as características da época atual.

O ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental pode ser enriquecido através da aplicação dos gêneros textuais, dentro de sua diversidade, podem ser utilizados jornais, revistas em quadrinhos, livros de versos, rótulos de latas, caixas, garrafas, listas de compras, receitas e até mesmo bulas de remédios.

Desta forma, trabalhando metodologias diferenciadas ocorre uma maior possibilidade de chamar a atenção do aluno e envolvê-lo com a leitura e consequentemente com a interpretação. A prática de atividades diversificadas é considerada essencial ao desenvolvimento e à aquisição da leitura e da escrita.

Entre as atividades possíveis a serem trabalhadas em sala de aula, podemos citar: a exposição do alfabeto bastão e cursivo nas paredes da sala de aula; cartazes associando figuras às suas respectivas representações; pesquisas, recortes e colagem de palavras; leitura coletiva; cópia orientada; o lúdico utilizando letras ou sílabas para formação de palavras ou frases e a relevante leitura e a contação de histórias infantis.

Estes são procedimentos que possibilitam ao aluno a vivência e contato com materiais concretos e visuais envolvendo a realidade social da criança visando à construção do aprendizado.

Assim como educadores adotam a utilização de recursos e práticas tradicionais no ensino da leitura e da escrita, existem aqueles que, em busca de novas propostas pedagógicas, valorizam a realidade do aluno, dando sentido às atividades, dando rumo à melhoria na qualidade de ensino através da contextualização e da interdisciplinaridade, fazendo uso de dinâmicas, dramatizações, histórias de forma representativa e articulação do conhecimento adquirido. (CAGLIARI, p. 86, 2001)

Além dessas propostas pedagógicas, alguns professores procuram diversificar suas aulas desviando a visão tradicional do ensino presente na aula e levam o encantamento além da sala. Esses profissionais levam a explicação de conteúdo, tratamento de textos e leituras aos alunos por meio do lúdico, apresentação de plaquinha, visualização de cartazes, ditado ilustrado, entre outros recursos com o objetivo de mudança nas práticas rotineiras da escola e desenvolver a aprendizagem de forma que o aluno intensifique cada vez mais o domínio sobre o uso da escrita e desperte o gosto pela leitura participando ativamente das representações sociais.

2.4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

É preciso compreender que alfabetização e letramento são práticas distintas, porém, indissociáveis, interdependentes e simultâneas. No entanto, a falta de compreensão destes termos gera grande confusão em seu uso teórico e prático, levando à perda da especificidade destas. (SOARES, 2003) Ao refletir sobre essas concepções e em anuência com Soares (2003) encontramos uma grande problemática, que acaba refletindo na qualidade da educação brasileira. Muitos profissionais da educação acabam por mesclar e confundir o significado destes dois conceitos, ampliando o conceito de alfabetização, sobrepondo o de letramento, como se letramento tivesse o mesmo sentido de alfabetização e, assim, não desempenhando um bom trabalho.

O termo Alfabetização, segundo Soares (2003), etimologicamente, significa: levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. Assim, a especificidade da Alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita.

Atualmente, entre outros fatores que envolvem um bom ensino-aprendizagem, as principais causas estão ligadas à perda da especificidade da alfabetização, devido à compreensão equivocada de novas perspectivas teóricas e suas metodologias, que foram surgindo em contraposição ao tradicional, e a grande abrangência que se tem dado ao termo alfabetização. (SOARES, 2003, p. 76)

Se faz necessário resgatar a significação verdadeira da alfabetização e delinear corretamente o conceito de letramento, de forma que eles não se fundam

e nem se confundam, apesar de, como já foi dito, necessitarem acontecer de maneira inter-relacionada. Com uma prática educativa que faça uma aliança entre alfabetização e letramento, sem perder a especificidade de cada um dos processos, sempre fazendo relação entre conteúdo e prática e que, fundamentalmente, tenha por objetivo a melhor formação do aluno.

De acordo com Soares (2003) a palavra letramento é de uso ainda recente e significa o processo de relação das pessoas com a cultura escrita. Assim, não é correto dizer que uma pessoa é iletrada, pois todas as pessoas estão em contato com o mundo escrito. Mas, se reconhece que existem diferentes níveis de letramento, que podem variar conforme a realidade cultural.

Este termo ganha espaço a partir da constatação de uma problemática na educação, pois através de pesquisas, avaliações e análises realizadas, chegou-se à conclusão de que nem sempre o ato de ler e escrever garante que o indivíduo compreenda o que lê e o que escreve. Entretanto, se reconhece que muito mais que isso, é realizar uma leitura crítica da realidade, respondendo satisfatoriamente as demandas sociais.

Defendida a especificidade de cada conceito, tem-se agora o objetivo de mostrar que se pode chegar à qualidade, conciliando ambos os procedimentos e produzindo uma prática reflexiva de aliança entre os dois processos. Partindo das reflexões de Brandão (2004), sobre a metodologia freiriana de se alfabetizar, é possível compreender a importância da indissociabilidade e simultaneidade destes dois processos.

Em seu método de alfabetização, ele propõe que se parta daquilo que é concreto e real para o sujeito, tornando a aprendizagem significativa, mas utilizando também os mecanismos de alfabetização. Ele ainda coloca em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1970), que o sujeito quanto mais amplia sua visão de mundo, mais se liberta da opressão, ou seja, o sujeito letrado que já possui seus conhecimentos prévios, com um determinado ponto de vista, quando alfabetizado, pode modificar seus pensamentos, ampliando-os de forma que passa a refletir criticamente sobre a prática social. Freire acreditava ser fundamental que as pessoas compreendam o seu lugar no mundo e sua função social nele.

O professor, portanto, tem um papel muito importante a realizar, para que esse pensamento crítico se desenvolva em seus alunos. Para Freire (1996, p.14) “[...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com

que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.”

É fundamental que o educador esclarecido de uma realidade de opressão, não torne o processo de ensino bancário e improdutivo, mas uma educação que desvende o mundo material e liberte as pessoas da opressão, como defende Freire (1970).

Um ponto primordial ao se tratar de prática pedagógica é reconhecer que os alunos já possuem conhecimentos prévios, assim, é importante que os professores façam um diagnóstico do conhecimento de seus alunos, para saberem de onde devem partir e planejar suas atividades.

Partindo da prática social, o conteúdo terá sentido para os alunos, que irão construindo conhecimentos gradativamente e desenvolvendo uma atitude transformadora da sociedade, pois ele perceberá que conhecimento científico faz parte da sua vida e pode contribuir para melhorá-la. As atividades devem promover tanto a alfabetização como o letramento, de maneira, que o ensino do código alfabético seja conciliado com o seu uso social em diferentes ocasiões. Enfim, o professor alfabetizador deve também utilizar, criar estratégias de ensino de acordo com as características de seus alunos, sem esquecer que a educação é um ato político e deve romper com as situações de opressão que muitas vezes as pessoas sofrem e nem a percebem.

Portanto, reconhecendo que a educação brasileira passa por uma problemática, a falta de qualidade da alfabetização, necessita-se que surjam novos olhares e práticas transformadoras. Logo, a educação das séries iniciais, que coincide com o período de início da alfabetização, é o alicerce de toda estrutura da educação que se desenvolverá depois, necessita de uma atenção especial.

Os professores alfabetizadores precisam estar habilitados, serem competentes, criativos e cientes de sua responsabilidade de formação dos sujeitos como intelectuais e cidadãos comprometidos com a transformação social. É essencial, também, que haja discussões sobre o tema alfabetização e letramento nos cursos de formação de docentes e nos cursos ou reuniões de formação continuada, de modo que gerem reflexões sobre o tema e a prática docente, buscando soluções para problemas específicos da alfabetização e procurando desenvolver os profissionais e as instituições de ensino para que a educação tenha cada vez mais qualidade. (SOARES, 2003).

De maneira, que a alfabetização e a educação em geral, promovam a desmistificação da realidade, que nos livre das vendas e opressões, tornando os sujeitos cada vez mais críticos e transformadores da sociedade, numa sociedade melhor e mais justa para todas as pessoas.

Por fim, acredita-se que é possível, sim, atingir a qualidade na educação das classes de alfabetização, com práticas educacionais que utilizem diferentes metodologias, que proporcionem tanto o desenvolvimento da alfabetização quanto o desenvolvimento do letramento de cada sujeito, através do qual ele possa ser autor de sua vida e de transformações.

3 DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE NA EMEF CARMEM VALENTE DA SILVA- JACAREACANGA- PARÁ

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola municipal de Ensino Fundamental Carmem Valente da Silva, é pertencente à rede municipal de ensino, localizada na Avenida Mundurukânia nº 19, Bairro São Pedro, CEP 68.195-000, no município de Jacareacanga- Pará. É um estabelecimento de ensino regular, mantido pela Prefeitura Municipal de Jacareacanga, de acordo com a Resolução nº 212 do dia 15/05/2009, processo nº 399/09- CEE e parecer nº 202/ 2009- CEE.

Fundada em 2004, o corpo docente era constituído por vinte e oito professores, uma secretária, seis merendeiras e três vigias. No ano de 2018, confere com 1.070 alunos devidamente matriculados, com quarenta e oito docentes, uma secretária, cinco auxiliares e um corpo técnico de cinco Pedagogos. Atualmente, conta com treze salas de aula totalmente climatizadas, laboratório de informática, uma sala multidisciplinar para Atendimento Educacional Especializado- AEE, primando pela inclusão e demais setores necessários para um funcionamento eficaz em uma instituição educacional.

O Projeto Político Pedagógico- PPP da referida escola, permite a as finalidades educativas e diretrizes gerais de sua proposta educativa. Leva em conta a trajetória da comunidade escolar, sua história e processo cultural, para cumprir o compromisso com a comunidade; atingir os objetivos preestabelecidos, projetar a criatividade e proporcionar uma qualidade e integração de todos inseridos no contexto educacional e suas expectativas.

A referida escola tem a missão de oferecer um ensino de qualidade, ser referência nos princípios éticos, morais e humanos, comprometer- se com a educação, com o respeito, credibilidade e proporcionar a apropriação do saber. A abordagem pedagógica é a Crítico- Social/ Histórico- Crítica, inspirada numa democratização do saber sistêmico na comunidade, no Brasil e no mundo.

Há uma preocupação da escola com o atendimento à diversidade social, econômica e cultural que lhe garante ser reconhecida como instituição voltada para a inclusão de todos os indivíduos. Todos os processos de atividades para o ensino e aprendizagem são desenvolvidos na instituição, implicando com as avaliações que promovem a verificação do ensino, cujos objetivos dependem de uma

coletividade de categorias, a partir da coordenação técnica- pedagógica, do apoio da Direção e de todo o corpo docente.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos para a produção deste trabalho, onde realizou-se na EMEF Carmen Valente da Silva em Jacareacanga-Pará, com o título desafios da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental, consistiu em um estudo bibliográfico para embasamento teórico específico com autores como (BRASIL, 1997); (CAGLIARI, 1993);(FERREIRO, 1987); (FREIRE, 1982); (VYGOTSKY, 1994) e uma pesquisa de campo, no período de Novembro de 2009, com abordagem qualitativa e analisou os desafios da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental.

Foram elaboradas algumas questões que consistiram em direcionar o referido trabalho: Quais são os desafios do professor em relação à escrita e leitura de alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental? A escola proporciona materiais didáticos pedagógicos para o ensino da leitura e escrita? Quais metodologias são utilizadas pelos docentes para as aulas de leitura e escrita?

Objetivou-se analisar os desafios dos professores em relação à escrita e leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental; verificar recursos pedagógicos utilizados para as aulas de escrita e leitura e compreender dificuldades dos docentes para trabalhar a leitura e escrita no ambiente escolar como também identificar metodologias adequadas na prática pedagógica dos professores para o ensino da leitura e escrita.

A pesquisa teve como sujeitos para investigação, professores da referida escola. Os dados foram coletados por meio de questionários para entrevistas individuais, com coletas e análises de dados, discussão sobre as respostas dos professores, com as sugestões de propostas contribuintes sobre a questão dos desafios da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental e a conclusão de todo o estudo.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para a produção deste trabalho, investigou-se cinco docentes da EMEF Carmen Valente da Silva, em Jacareacanga- Pará, no período de novembro de 2019. Todas são do sexo feminino. Entretanto, têm trinta, trinta e seis, quarenta, quarenta e um e cinquenta anos, respectivamente.

A escolaridade das professoras é de Licenciatura Plena em Pedagogia. Destas, duas docentes têm pós- graduação em Educação infantil e Séries Iniciais; enquanto apenas uma é especializada em Psicopedagogia e Educação Especial. Trabalham de onze meses, há quinze anos na escola investigada e apenas duas trabalharam em outras instituições de ensino.

3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

A leitura e a escrita são dois processos fundamentais para que o indivíduo construa seu próprio conhecimento e aprenda a exercer a sua cidadania de forma ética e democrática nos diversos contextos sociais. Assim, para que haja o entendimento sobre as dificuldades encontradas no processo de leitura e escrita foram investigados professores da EMEF Carmen Valente em Jacareacanga- Pará. Iniciando a pesquisa, a questão que aborda os desafios do professor em relação à leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Quadro 1: Quais são os desafios do professor em relação à escrita e leitura de alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental? **Fonte:** Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga-Pará/2019.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	O desafio é muito grande; pois a maior clientela dos alunos são de etnias indígenas e não compreendem o português corretamente, falam o Munduruku.
P2	Falta de interesse do próprio aluno; falta de incentivo por parte dos pais, super lotação das salas de aula nessa faixa etária.
P3	O maior desafio é desertar i interesse daqueles alunos que não querem aprender.
P4	Os desafios são muitos, mas o processo de leitura e escrita no contexto, se faz um trabalho ou atividades significativas para a construção do conhecimento do aluno.
P5	Os desafios são muitos, mas se trabalha com eles gradativamente.

De acordo com os entrevistados, os desafios maiores em relação ao processo de ensino e aprendizagem da escrita e leitura na referida escola é o fato

de que os indígenas não compreendem direito a Língua Portuguesa, uma vez que sua língua materna é Munduruku. Além disso, foram citados desafios quanto à falta de incentivo dos pais, super lotação nas salas de aula.

Ainda assim, os entrevistados acreditam que essa construção em direção ao bom desenvolvimento da leitura e escrita é feita com responsabilidade e práticas educativas que consideram importantes para a aquisição do conhecimento dos alunos.

Logo, são muitos os desafios vivenciados nos últimos anos na busca da garantia de uma escola democrática, em que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade. A leitura e a escrita são as formas de linguagem mais avaliadas pela escola. Elas são o fundamento para a avaliação escolar. Ambas implicam em um duplo sistema simbólico, pois permitem transcrever um equivalente visual em um equivalente auditivo, ou o contrário.

A alfabetização na perspectiva do letramento inclui uma segunda dimensão, a da inserção do aprendiz nas práticas de leitura e escrita. Tal dimensão é que pode garantir que as crianças, os jovens e os adultos do campo consigam fazer uso real da leitura e da escrita, em seu cotidiano, nas diferentes situações políticas e sociais.

A leitura envolve uma síntese; surge como um sistema simbólico secundário alicerçado em um primeiro sistema simbólico, a linguagem falada, que por sua vez depende da linguagem interior. A relação entre a palavra escrita e o sistema simbólico de significação é uma operação cognitiva que envolve processos específicos como a codificação, decodificação, percepção, memória, transdução, atribuição de significado. (ZUCULOTO, 2001, p. 22). Neste sentido, está a questão das dificuldades de apreensão sobre o ler e escrever.

A escrita exige o desenvolvimento de habilidades específicas e um esforço intelectual proporcionalmente superior às aprendizagens anteriores da criança. Na escrita ocorre a comunicação por meio de códigos que variam de acordo com a cultura, e sua aprendizagem se dá pela realização da cópia, do ditado e na escrita espontânea.

Ao escrever, a criança precisa ter noção de espacialidade para representar as letras no papel, para adequá-las em tamanho e forma ao espaço de que se dispõe, por isso destaca-se que é fundamental a escola oferecer a criança

subsídios indispensável para que ela vivencie situações que estimulem o desenvolvimento dos conceitos psicomotores.

São muitos os desafios que vivenciamos nos últimos anos na busca da garantia de uma escola democrática, em que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade. À seguir, a questão sobre materiais didáticos para o ensino da leitura e escrita.

Quadro 2: A escola proporciona materiais e ou recursos didáticos pedagógicos para o ensino da leitura e escrita? Comente. **Fonte:** Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga-Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTAS
P1	Sim. A mesma sempre tem s disposição de materiais onde a mesma também tem o "Projeto Leitura e Escrita".
P2	Sim. A escola oferece livros didáticos e jogos pedagógicos.
P3	A escola faz o que pode; nós, professores é que corremos atrás de recursos para que a aula seja atrativa e produtiva.
P4	Sim. Leitura de histórias em quadrinhos, leitura de texto com o lúdico.
P5	Sim; para trabalhar com lúdico numa sala especializada para alunos que apresentam dificuldade.

Os entrevistados foram bastante otimistas com relação ao incentivo da escola com disponibilidade de materiais didáticos para direcionar as práticas de desenvolvimento da leitura e escrita na sala de aula.

Todos os recursos que podem ser utilizados para ensinar leitura e escrita podem ser considerados como práticas de letramento. No que diz respeito ao ensino da língua escrita todo método utilizado pelo professor desde que seja adequado pode ser um instrumento importante no processo de letramento.

Portanto, o pré-requisito básico para a alfabetização e, consequentemente, para a aprendizagem da leitura e da escrita é a linguagem oral, e para tanto, a criança ao ser colocada na escola, deve esta no estágio propício para o aperfeiçoamento desse sistema, no provimento de materiais didáticos-pedagógicos e demais estratégias de ensino.

Desse modo, o ensino da leitura e escrita se torna mais viável e a criança capaz de pronunciar corretamente todos os sons da língua, bem como possuir um vocabulário amplo. Já que não é papel da escola ensinar o aluno a falar, mas sim de dar continuidade e aperfeiçoamento a esse processo. (LERNER, 2008).

É interessante que o professor não se limite a utilizar apenas alguns tipos de textos; sempre que possível deve-se trabalhar com textos variados que apesar de não serem os mais habituais às práticas escolares, provavelmente, aparecem com mais frequência no dia-a-dia da escrita. Foi questionado com os professores sobre as metodologias adotadas em sala de aula.

Quadro 3: Quais metodologias são utilizadas pelos docentes para as aulas de leitura e escrita?
Fonte: Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga- Pará/2019.

PROFESSORAS	RESPOSTAS
P1	Sempre teoria e prática, utilizando vídeos, cartazes, jogos de leitura e escrita, ditados.
P2	O livro didático, revistas, gibis, literatura infantil. Leitura individual e coletiva. Roda de leitura, músicas, entre outras.
P3	Usamos diversas, jogos, vídeos, músicas, etc.
P4	Leitura de história, leitura com palavras soltas, palavras para descrever cores e formas.
P5	Leitura individual com palavras soltas, frases e textos.

Foram citadas várias metodologias e recursos pedagógicos utilizados na escola para o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos. Rodas de leitura e jogos são uma das muitas metodologias utilizadas pelos professores nesse processo.

Com relação aos métodos empregados no processo de ensino-aprendizagem da leitura, é função primordial da escola, ensinar a ler, ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita e orientar a escolha dos materiais de leitura. Cabe formalmente à escola desenvolver as relações entre leitura e indivíduo, em todas as suas interfaces.

A escola pode e deve trabalhar, desde as séries iniciais, com textos de diversas naturezas; com textos que surjam do cruzamento de linguagens variadas e, evidentemente, com os textos da literatura que criam a possibilidade do indivíduo explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal.

[...]É possível, sim, aprender a escrever e ler por meio de brincadeiras, por meio de reflexão, por meio de um trabalho solidário. Há que se perceber, no entanto, que isso não significa dizer que as aprendizagens são simples ou que são fáceis, ou que não exigem esforço do aprendiz. (BRASIL, 2012a, p.13).

O educador deve saber o quanto sua prática e ação em sala de aula são importantes e que sua mediação motivará ou não o aluno à prática da leitura e escrita. (KLEIMAN, 2000).

É preciso fugir dos métodos inadequados de ensino, da falta de estimulação dos pré-requisitos necessários à leitura, além da falta de percepção pela escola e o educador do nível de maturidade do educando, relacionamento deficiente entre o professor e o aluno, não domínio do conteúdo e do método por parte do professor, dentre outras situações de cunho pedagógico.

É essencial resgatar a leitura como tarefa da escola, questão para todas as áreas, uma vez que é habilidade indispensável para a formação dos alunos e responsabilidade da escola no todo. Dar condições ao aluno para que se aproprie do conhecimento historicamente construído e participe nessa construção como produtor de conhecimento é ensinar. Ensinar o aluno a ler é torná-lo capaz de apropriar-se do conhecimento acumulado que está escrito em livros, revistas, jornais, arquivos, etc. (KLEIMAN, 2000). Questionou-se inda sobre algumas estratégias para a aquisição da competência leitora e escrita dos alunos.

Quadro:4. Você já utilizou estratégias diferenciadas para a aprendizagem dos alunos? Justifique sua resposta. **Fonte:** Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga- Pará/2019.

PROFESSORAS	RESPOSTAS
P1	Aula expositiva e dialogada. Estudo de caso; Aulas práticas e aulas lúdicas.
P2	Sim; os projetos desenvolvidos na escola.
P3	Com certeza; pois somos flexíveis e precisamos despertar o interesse do educando em relação à aprendizagem.
P4	Sim. Texto impresso, leitura de rótulos de embalagem, cartas, cartões. A estratégia, sabemos que é ferramenta indispensável para ser levada em sala de aula e para motivar.
P5	Exemplo na leitura (rótulos de embalagens, cartaz com pregas, entre outros). Na escrita geralmente trabalho com cópias.

Estratégias metodológicas como aula expositiva e dialogada, aulas práticas e lúdicas, foram citadas pelos entrevistados. Existem práticas também como cópias e textos impressos que fazem parte de estratégias de ensino da leitura e escrita.

Conforme Neves (2000), as crianças devem escrever sempre, mesmo quando a escrita parecer como apenas rabiscos. Ao pegar o lápis e imitar os adultos, elas criam um "comportamento escritor". E, ao ter contato com textos e conhecer a estrutura deles, podem começar a elaborar os seus próprios textos.

O profissional da educação, ao ter a consciência de que a leitura não é só algo visual, que também visa à compreensão daquilo que foi lido e o que significa para o aluno de acordo com o conhecimento que o mesmo já tem com ele, vai conseguir entender melhor o que são as dificuldades de aprendizagem. Em síntese, o letramento pode ser uma ferramenta eficaz para que as crianças superem as dificuldades em leitura e escrita.

O professor é aquele que apresenta o que será lido: o livro, o texto, a paisagem, a imagem, a partitura, o corpo em movimento, o mundo. É ele quem auxilia a interpretar e a estabelecer significados. Cabe a ele criar, promover experiências, situações novas e manipulações que conduzam à formação de uma geração de leitores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem e de reconhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos, disponíveis para a comunicação humana presentes no dia-a-dia (NEVES, 2000, p.14).

O educador deve saber o quanto sua prática e ação em sala de aula são importantes e que sua mediação motivará ou não o aluno à prática da leitura. Um bom caminho para crianças que têm dificuldade de aprendizagem, de acordo com a proposta do letramento, seria contemplá-las com aquilo que elas não fazem uso dentro de seu meio social.

Um exemplo é inserir em uma comunidade carente livros, revistas, jornais, material impresso de todo tipo de leitura que será apresentada às crianças e as mesmas farão uso daquela que mais se identifica e tem sentido para ela. (KLEIMAN, 2008). Prosseguindo, a pergunta sobre o que precisa mudar nas práticas pedagógicas dos professores.

Quadro 5: Do seu ponto de vista, o que precisa mudar nas práticas pedagógicas dos professores para a aprendizagem do aluno? **Fonte:** Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga-Pará/2019.

PROFESSORAS	RESPOSTAS
P1	O professor precisa atentar-se na realidade do aluno. Embasando-se nas potencialidades e na aprendizagem.
P2	Precisa-se utilizar mais os recursos tecnológicos.
P3	No meu ponto de vista, nada. O que precisa mudar é alguns pais e alunos.
P4	No meu vê a prática pedagógica exige dinamismo que se refere a metodologias diversificadas.
P5	No um ponto de vista o que precisa mudar é o interesse do aluno em não querer aprender.

É consensual entre os entrevistados da importância da leitura e escrita para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, mas os pais são os grandes responsáveis para o sucesso desse processo.

A leitura e a escrita são dois eixos fundamentais para serem trabalhados pelo professor na alfabetização requerendo cuidado quando forem identificar os níveis de leitura e escrita de cada aluno. Promover a prática da leitura no contexto escolar requer condições favoráveis e boa vontade dos professores em formar seus alunos leitores, e não meras atividades que mecânicas de memorização de conceitos e fórmulas, que passam o ano letivo somente fazendo cópias e reproduzindo conteúdos prontos e fragmentados descontextualizado com as questões sociais e culturais do aluno. (SOARES, 2002)

Uma aprendizagem incorreta da leitura e da escrita, especialmente na fase de iniciação, pode originar lacunas de base com a consequente insegurança para escrever. Para se chegar à escrita como um todo, a criança terá que ter o domínio e o conceito de seriação, classificação, correspondência de um a um, ter o domínio da coordenação motora, velocidade, tendência para movimentos horizontais e verticais, traçado correto das letras etc, caso ela não tenha um desses domínios ficará difícil conseguir escrever algo.

Com o letramento vem também o rompimento da relação que existe entre o “professor ensina e o aluno aprende”. Com essa concepção há uma troca e a sala de aula torna-se um espaço no qual ao mesmo tempo em que se ensina se aprende.

O ambiente escolar também exerce muita influência na aprendizagem, o tipo de sala de aula, a disposição das carteiras e a posição dos alunos, por exemplo, são aspectos importantes. Uma sala mal iluminada e sem ventilação, em que os alunos permanecem sempre sentados na mesma posição, cada um olhando as costas do que está na frente, certamente é um ambiente que pode favorecer a submissão, a passividade e a dependência, e não favorece o trabalho livre e criativo. (SOARES, p. 65, 2002)

Outro aspecto a considerar, em relação ao ambiente escolar, refere-se ao material de trabalho colocado à disposição dos alunos. É evidente que com salas abarrotadas de alunos o trabalho se torna mais difícil. O número de alunos deve possibilitar ao professor um atendimento individual, baseado num conhecimento de todos eles.

Quadro 6: Os pais contribuem com a educação de seus filhos? Fale sobre. **Fonte:** Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga- Pará/2019.

PROFESSORAS	RESPOSTAS
P1	Na maioria das vezes os pais deixam a desejar na educação dos filhos, onde não há uma grande preocupação.
P2	Ao matricular o filho na escola já é uma contribuição dos pais; no entanto é necessário que os pais sejam presentes na escola no processo de aprendizagem dos filhos.
P3	A minoria. Muitos deles acham que é dever somente da escola.
P4	Os pais são muito ausentes na escola. Dessa forma não há contribuição.
P5	Os pais não contribuem, pois não acompanham as atividades, trabalhos e muito menos comparecem às reuniões solicitadas por turma; ou seja o número de pais presentes é pouco.

De acordo com os entrevista, a escola em questão os pais são muito ausentes, em se tratando do incentivo à educação de seus filhos. Poucos são os que tentam se envolver e contribuir com a escola no processo educacional das crianças. A maioria não participa nem das reuniões. As atividades que precisam da participação dos pais são deixadas de lado.

Para Marques (1993) a família é uma fonte de ajuda para a criança, se for bem organizada e estável, onde a comunicação seja aberta, o sistema de autoridade seja aceitável. Além disso, é nessa interação que se gera a alegria e o prazer que o aprendiz sente ao seu redor e é indispensável ao seu bom desenvolvimento na escola e, posteriormente, na sua vida social.

Existem fatores sociais que também são determinantes na manutenção dos problemas de aprendizagem, e, entre eles, o ambiente escolar e contexto familiar são os principais componentes desses fatores. Quanto ao ambiente escolar, é necessário verificar a motivação e a capacitação da equipe de educadores, a qualidade da relação professor – aluno - família, a proposta pedagógica e o grau de exigência da escola, que, muitas vezes, está preocupada com a competitividade e põe de lado a criatividade de seus alunos.

Em relação ao ambiente familiar, há casos em que a família apresenta um nível de exigência muito alto, com a visão voltada somente para os resultados obtidos, podendo desenvolver na criança um grau de ansiedade que não permite um processo de aprendizagem devidamente adequado, assim facilitando que outras dificuldades ocorram. (MARQUES, 1993).

Os pais têm um papel de suma importância para o desenvolvimento intelectual do aluno, pois é no contexto familiar que o aprendiz tem o primeiro contato com a leitura. Se é nesse ambiente que o indivíduo começa a ser educado, ele se relaciona com todo o conhecimento adquirido durante sua experiência de vida primária, que refletirá no seu desempenho escolar. (RANGEL, 2008).

A parceria da família e da escola enquanto uma relação de cooperação entre tais instituições implica uma intervenção planejada e consciente, em que a escola possa criar espaços de reflexão e experiências de vida, numa comunidade educativa, estabelecendo a aproximação entre as duas instituições. Reforça-se, então, a necessidade de os educadores dispensarem alguns momentos da sua formação, para refletirem e reconstruírem essa relação.

Quadro 7: Como a escola procede para inserir os pais no ambiente escolar? **Fonte:** Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga- Pará/2019.

PROFESSORAS	RESPOSTAS
P1	Através de reuniões, conselho escolar, onde os pais podem participar ativamente no ambiente escolar.
P2	Através de reuniões e os projetos pedagógicos desenvolvidos na escola.
P3	Inovando e fazendo adaptações para que as reuniões sejam mais atrativas.
P4	Através de reuniões de pais e mestres; projetos escolares de acordo com as datas comemorativas; mas são números muito reduzidos de pais presentes.
P5	Contribui com projetos; mas mesmo assim o número de pais presentes é pouco.

Conforme relatos dos entrevistados, a escola procura envolver a família por meio de reuniões, projetos político- pedagógicos, projetos em datas comemorativas e criados especificamente para o desenvolvimento da leitura e escrita, mas a participação dos pais é muito reduzida.

Nesse sentido, a relação família- escola, para que seja produtiva, exige que a família se disponha a fornecer o apoio necessário ao desenvolvimento escolar de seu filho, e, sobretudo, a escola deve, em seu projeto político pedagógico, contemplar por meio de reuniões, projetos voluntários e comunitários – a participação da família.

A aquisição da leitura se faz presente no decorrer da vida de cada indivíduo em diversos momentos e locais, a princípio pela leitura sensorial, feita pelas crianças através dos sentidos, ou pela leitura emocional, que se constitui pela interação entre o leitor e o texto de forma que este se envolva emocionalmente

com o texto, ou também pela leitura intelectual configurada pela isolação entre o texto e o contexto do leitor. Todavia, esse processo de aquisição se faz de forma diferenciada em todos os indivíduos, e em algumas vezes muitos alunos, principalmente do ensino fundamental, apresentam dificuldades na aprendizagem da leitura.

De acordo com Rangel (2008), raramente as dificuldades de aprendizagem têm origens apenas cognitivas, atribuir ao próprio aluno o seu fracasso, considerando que haja algum comprometimento no seu desenvolvimento psicomotor, cognitivo, linguístico ou emocional (conversa muito, é lento, não faz a lição de casa, não tem assimilação, entre outros), desestruturação familiar, sem considerar as condições de aprendizagem que a escola oferece a este aluno e os outros fatores intraescolares que favorecem a não aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem na escola podem ser consideradas uma das causas que podem conduzir o aluno ao fracasso escolar, mas de todas as considerações feitas pelos teóricos, a mais consensual é a de que a família tem uma participação muito grande no favorecimento da aprendizagem dos seus filhos. (RANGEL, 2008).

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

Percebe-se que o processo de leitura e escrita são duas atividades interligadas, complexas, social, cultural e educativa. No contexto escolar deve ser desenvolvidas gradativamente e competentemente pelo professor e educador, na busca de ensinar os educandos a utilizar-se da estrutura da língua adequadamente.

Neste contexto, o processo de ensino-aprendizagem e as dificuldades que os alunos apresentam em sala de aula em relação à leitura e a escrita, não devem jamais ser julgados sem uma análise reflexiva sobre a vida cotidiana dos educandos. É preciso verificar estratégias para um trabalho adequado relativo à problemática.

Diante disso, por meio da investigação na EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga- Pará, percebeu-se que houve a necessidade de propostas

intervenientes, para um trabalho mais eficaz dos professores, com as dificuldades da leitura e escrita nas séries iniciais.

- I. Utilizar metodologias diversificadas sobre a leitura e escrita;
- II. Incentivar a participação dos pais nas atividades escolares;
- III. Elaborar oficinas pedagógicas de forma coletiva para todas as faixas etárias;
- IV. Desenvolver projetos de inserção dos pais no ambiente escolar;
- V. Incluir a ludicidade e a afetividade nas práticas pedagógicas.

Na realidade, a escola é o ambiente onde a criança tem a oportunidade de se desenvolver fisicamente e intelectualmente; pois é no contexto escolar que a criança aprende a conviver e a respeitar as diferenças, como também, ampliar conhecimentos através do contato com a diversidade cultural, social e com uma variedade de materiais concretos, para fazer bom uso da leitura e da escrita.

Neste sentido, o professor deve estar atento também, ao dialeto, um dos motivos que podem causar alguns problemas no ensino-aprendizagem dos educandos, pois a criança a princípio escreve do mesmo modo que costuma falar, por isso é importante desenvolver o diálogo e a reflexão, no intuito de explicar para as crianças as diferenças simbólicas entre a língua falada e a língua escrita. Daí a necessidade de um trabalho diferenciado na escola investigada.

Portanto, as propostas acima devem ser consideradas, a fim linguagem oral ser bem trabalhada em sala de aula para que o vocabulário da criança possa ser ampliado gradativamente e corretamente. Caso esse processo não seja bem desenvolvido, o indivíduo poderá não adquirir um bom repertório verbal podendo assim apresentar problemas de compreensão de textos, ao ler e ao escrever.

CONCLUSÃO

Atualmente, um problema que muitos professores enfrentam, é o fato de haver alunos, dentro de sala, que se encontram com grandes dificuldades para aprender a ler e escrever. No processo de aprendizagem, alguns dos educandos encontram diversos entraves no desenvolvimento de habilidades como a fala, a leitura, a escrita, nos relacionamentos entre os colegas, afetando o processo de aprendizagem, de interação, socialização e especialmente do desenvolvimento motor.

Desta forma, de acordo com a investigação ocorrida em Novembro de 2019 na EMEF Carmem Valente da Silva em Jacareacanga-Pará, percebeu-se que os professores enfrentam em seu dia-a-dia, esses desafios e que devem ser superados; pois conferem com salas superlotadas, grande número de alunos da etnia indígena e a falta de apoio dos pais, estão na culminância destas dificuldades. A escola confere com materiais didáticos, livros, jogos e uma sala de para atendimento para crianças especiais.

As docentes utilizam-se de metodologias diversificadas como jogos, músicas e demais atividades lúdicas, adequadas à teoria e práticas. Também mencionaram que para mudar essa questão, nas práticas pedagógicas dos professores devem ser utilizados especialmente subsídios tecnológicos para aulas mais interessantes e diferenciadas.

Segundo o estudo, os pais não contribuem como deveriam para a educação de seus filhos, deixando a desejar na expectativa da educação ser apenas responsabilidade de escola; que para atentar aos pais à necessidade de comparecer ao ambiente escolar de seus filhos, promove reuniões atrativas, projetos pedagógicos e demais atividades que possam envolvê-los; porém ainda é insuficiente para a presença dos mesmos no ambiente escolar.

Diante do exposto, percebe-se que o processo de leitura antecede a escrita, se faz aquisição do significado, por meio de observação e experimentação das coisas que estão a sua volta, e assim há uma compreensão da palavra falada, e mesmo não estando na presença de determinado objeto. Sobretudo, ao observar a criança também é preciso compreender que já tem um conhecimento de mundo, que é dado continuidade, desenvolvido e aperfeiçoado na escola.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Doralice Veiga. **Psicopedagogia: Avaliação e Diagnóstico**. 1 Ed. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.
- BRANDÃO, C.R. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRASIL. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo inclusivo: o direito de ser alfabetizado: ano 3: unidade 1**. – Brasília: MEC, SEB, 2012b.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- DARTON, Robert. **Uma história da leitura**. In: BURKE, Peter. A escrita da história: Novas Perspectivas. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porte Alegre: Artes Médicas, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- MARQUES, R. **A escola e os pais como colaborar?** São Paulo: Texto Editora. 4. ed. 1993.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para Entender O Texto: Leitura E Redação**. 18 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- FOUCAMBERT, J. A leitura em questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação Em Prosa Moderna: Aprenda A Escrever, Aprendendo A Pensar**. 24. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GERALDI, João Wanderley. **O Texto Na Sala De Aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- KLEIMAN, A. Oficina de leitura: teoria & prática. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- KRAMER, SONIA. **Alfabetização leitura e escrita: formação de professores em curso** –São Paulo: Ática, 2010.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6 ed. São Paulo: Ática, 2005.

LIBERATO, Y. **Um modelo de descrição da leitura. In: É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro.** São Paulo: Contexto, 2007. p. 13-29.

MAGNANI, M. R. M. Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Coleção Texto e Linguagem.

MENDONÇA. O. S. Alfabetização método sociolinguístico: Consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire_3 ed._ São Paulo: Cortez, 2009.

MORTATTI, M.R.L. HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL. **Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate"**, 2006. Disponível em: <<http://www.unijipa.edu.br/historia-dos-metodos-dealfabetizacao.pdf>> Acesso em: 02 Set. 2019

Mello, S. A. (2005). **O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições de Vigotsky.** In Faria, A. L.G. & Mello, S. A. (Orgs.). Linguagens infantis: outras formas de leitura (pp.23-40). Campinas: Autores Associados.

ESTEVES, Jose M. **A terceira revolução educacional:a educação na sociedade do conhecimento.** São Paulo:Moderna, 2004.

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2008.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, JusamaraVieira; SCHÄFFER , Neiva Otero et al. (orgs.). Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000

NOGUEIRA, Raimundo Augusto. **Mudanças na sociedade contemporâneas. Mundo Jovem.** São Paulo, nº. 123, fev. 2002.

RANGEL, Mary. Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas. 4 ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

REIS, Risolene Pereira. In. **Mundo Jovem**, nº. 373. Fev. 2007, p.6.

ROJO, Roxane. **Letramento e Multimodalidades.** Ática, São Paulo, 2011

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Contexto, 2002.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Sociedade e Democracia da Leitura.** Estado de Leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

ZUCOLOTO, Karla Aparecida. **A compreensão da leitura em crianças com dificuldades de aprendizagem na escrita.**__ Dissertação (mestrado) –

Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. – Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Site visitado:

<https://www.webartigos.com/artigos/a-escola-enquanto-espaco-de-desenvolvimento-humano/107257> acesso em 25 de abr. de 2019

APÊNDICES**FACULDADE DE ITAITUBA- FAI**
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA- PARÁ.

Este questionário é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "Desafios da Leitura e Escrita nos Anos Iniciais", do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba- FAI.

Questionários para Professores**Identificação:**

-Idade: _____ Sexo: _____

-

Graduação: _____

-Pós- graduação _____

-Há quanto tempo trabalha nesta escola? _____

-Já trabalhou em outra instituição? _____

1. Quais são os desafios do professor em relação à escrita e leitura de alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

2. A escola proporciona materiais e ou recursos didáticos pedagógicos para o ensino da leitura e escrita? Comente.

3. Quais metodologias são utilizadas pelos docentes para as aulas de leitura e escrita?

4. Você já utilizou estratégias diferenciadas para a aprendizagem dos alunos? Justifique sua resposta.

5. Do seu ponto de vista, o que precisa mudar nas práticas pedagógicas dos professores para a aprendizagem do aluno?

6. Os pais contribuem com a educação de seus filhos? Fale sobre.

7. Como a escola procede para inserir os pais no ambiente escolar?

Obrigada!